



PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DAS OBRAS CLÁSSICAS DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Palavras-Chave: Pedagogia Histórico-Crítica, Capacitismo, Deficiência

Autores:

Stefany Pires Teixeira, FE – Unicamp

Prof. Dr. Régis Henrique dos Reis Silva (Orientador), FE- Unicamp

INTRODUÇÃO:

O capacitismo tem mostrado suas faces a partir de práticas excludentes aos indivíduos com deficiência, desde a infantilização das pessoas com deficiência até a invisibilidade e a exclusão das mesmas, mostra-se como um preconceito estrutural na sociedade brasileira e no mundo (CAMPBELL, 2001). Esse conceito ainda é pouco debatido e discutido dentro das Universidades apesar da relevância e impacto que possui na sociedade. Por isso, é imprescindível que as Universidades brasileiras encarem os estudos e os debates acerca da temática capacitista, a fim de sua superação no âmbito social a partir de teorias críticas e emancipatórias.

Tendo em vista essa discussão, foi realizada neste projeto, uma revisão de sete obras clássicas dos principais autores da Pedagogia Histórico-Crítica, a saber: Dermeval Saviani e Newton Duarte. Fundamentada no materialismo histórico-dialético e no desenvolvimento histórico-cultural dos sujeitos, para essa teoria a educação é uma prática intencional (MARTINS, 2013). Não à toa, o trabalho educativo é definido por Saviani (2013, p.13) como “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Para esta teoria pedagógica, compete à escola a socialização do saber sistematizado, assim como à difusão do clássico: “o clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial” (SAVIANI, 2013, p.13). Por meio do ato intencional, planejado e organizado mediado pelos conteúdos do currículo é que o sujeito educando possui condições para apropriar-se da cultura e visualizar nela a possibilidade de transformação e superação dos processos de marginalização, exclusão e opressão, como por exemplo o capacitismo.

Nesse sentido, a partir da compreensão de que a pedagogia histórico-crítica caracteriza-se como uma teoria pedagógica crítica, esse projeto foi realizado com o objetivo de identificar e discutir as possíveis contribuições das obras clássicas da Pedagogia Histórico-Crítica para o desenvolvimento de pesquisas e práxis anticapacitistas?

METODOLOGIA:

Essa pesquisa caracterizou-se como um estudo bibliográfico das “obras clássicas” mais referenciadas pelos trabalhos identificados na pesquisa “*Pessoas com deficiência na educação escolar: um estudo a partir da Pedagogia Histórico-Crítica*” desenvolvido no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Unicamp no biênio 2021/2022, a saber:

- 1) SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 44. Ed. Ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- 2) SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 44. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.
- 3) SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 19. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- 4) SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- 5) DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola do Vygotsky**. 4a edição revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- 6) DUARTE, Newton. **A individualidade para si: contribuição para uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.
- 7) DUARTE, Newton. **Vygotsky e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana**. 5. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Após a descrição de cada fonte e o trabalho de codificação do conjunto delas visando a construção de “resumos e resenhas” da produção investigada, procuramos a partir da leitura e interpretação desse material, principalmente dos conceitos de: ser humano; educação; desenvolvimento humano; função social da escola; ensino e aprendizagem; identificar e discutir os seus possíveis contributos para o desenvolvimento de pesquisas e práxis anticapacitistas na educação escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

• **Concepção de Ser Humano**

Nas obras de Dermeval Saviani, o ser humano é referenciado, em geral, pelo termo “homem”. Esse homem é composto por matéria orgânica, dependente de um estado físico com condições de subsistência, mas para além disso, é também composto pela cultura, pela língua, pelas tradições e crenças, e está inserido em determinado espaço geográfico, historicamente situado e em uma sociedade com sistema econômico definido.

O homem não é um sujeito passivo e completamente determinado: “ele reage perante a situação, intervém pessoalmente para aceitar, rejeitar ou transformar” (SAVIANI, 2013, p. 45), e por isso, é um ser livre e autônomo. Considerando essa perspectiva de ser humano é que Saviani pensa sobre o papel da educação na sua promoção:

“Do ponto de vista da educação o que significa, então, promover o homem? Significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 2013, p. 46).

Além disso, partir da leitura dos “*Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*” de Karl Marx, Duarte (2013, p. 28) discute também sobre a distinção entre o ser humano e os demais animais. Ambos têm em comum a atividade vital, ou seja, a sua sobrevivência física e reprodução biológica através do nascimento para garantir a perpetuação da própria espécie. Todavia, no gênero humano, essa atividade vital como descrita acima, chamada de filogênese, não é suficiente para garantir a existência da sociedade.

Faz-se importante também a atividade vital humana da ontogênese, uma categoria fundante que reproduz as características fundamentais do gênero humano historicamente construídas e constituídas. A humanização do homem, no contexto da sociedade de classes, está na produção dos meios para a satisfação de suas necessidades básicas de existência, “na medida em que a transformação objetiva requer dele uma transformação subjetiva” (DUARTE, 2013, p. 31). Por isso, a objetivação do homem está na apropriação da natureza para transformá-la, satisfazendo suas necessidades.

Saviani e Duarte (2012, p.14), analisando o homem como um ser vivo, historicamente situado e determinado pelas condições do meio natural e cultural, nos seus aspectos intelectuais e pessoais, compreendem sua potencialidade de aceitar, intervir e modificar a vida de novas gerações através da educação; defendem que o homem é capaz de transcender as situações postas, condicionadas historicamente (SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 15).

• **Concepção de Educação**

Saviani define o ato educativo como “o ato de produzir, direta ou intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2013, p. 24). Compreende a educação como um instrumento de luta no estabelecimento de uma nova relação hegemônica, favorável a classe que é dominada na sociedade capitalista. Isso significa, pela ótica do materialismo histórico-dialético, fundamento da pedagogia histórico-crítica, o estabelecimento de um novo bloco histórico a partir da emancipação da classe trabalhadora.

Para isso, vê-se a necessidade de elevar-se o nível do conhecimento e apropriação cultural das massas e da classe trabalhadora, possibilidade tangível através do já citado ato educativo.

A articulação do ato educativo visando a emancipação encontra-se em um movimento de dois momentos: o primeiro de crítica à ideologia burguesa dominante e o segundo de diálogo em trabalho com o senso comum “de modo que se extraia o seu núcleo válido (o bom senso) e lhe dê expressão elaborada com vistas à formulação de uma concepção de mundo adequada aos interesses populares” (SAVIANI, 2013, p. 4).

Sem a efetividade da realização dessas duas etapas, a formação de consciência do indivíduo não pode ocorrer de forma plena, impossibilitado a organização e impedindo a transformação revolucionária da sociedade. Por isso a classe dominante opera nas diversas esferas públicas, com destaque a esfera educacional “manifestando uma despreocupação, um descaso e até mesmo um desprezo pela educação” (SAVIANI, 2013, p. 07).

O autor compreende que as teorias da educação podem dividir-se em dois grupos distintos: *teorias não críticas* e *teoria crítica da educação* - grupo no qual o autor reconhece uma subdivisão em *teorias crítico-reprodutivistas* e

críticas. A partir do fenômeno da marginalização, evidente nas taxas brasileiras de analfabetismo¹, cada uma dessas teorias diferencia-se pelo entendimento do papel da educação nesse contexto.

O primeiro grupo, das *teorias não críticas*, compreende que a marginalidade é um “fenômeno acidental”, um desvio acometido a determinados sujeitos, que pode ser corrigido através da educação. Ou seja, compreende a educação como um instrumento de equalização social através da superação do fenômeno da marginalidade. Ao efetivar sua função, “cumpre manter os serviços educativos num nível pelo menos suficiente para impedir o reaparecimento do problema da marginalidade” (SAVIANI, 2021, p. 4).

Já as *teorias críticas* da educação compreendem a marginalidade a partir dos seus condicionantes sociais, isto é, a partir da relação estrutural ao qual a educação está sujeita a partir da sociedade em que se encontra. Nesse contexto, a educação torna-se dependente da estrutura social, servindo à hegemonia; por isso, reforça a dominação, legitima a marginalização e concebe-se como um instrumento de discriminação social.

No grupo das *teorias críticas*, Saviani considera uma subdivisão: a primeira, das *teorias crítico-reprodutivistas*, que compreendem que a função da educação consiste na reprodução da sociedade, da dominação e exploração; e a segunda, das *teorias críticas*, que embora reconheçam a subordinação da educação, não descartam a possibilidade de que ela possa atuar no processo de transformação social.

Newton Duarte discute sobre a relação entre educação e capitalismo, que se forma de modo dialético. O autor compreende que foi a partir das relações estabelecidas pelo sistema capitalista que se tornou uma necessidade do ser humano a elevação de seus processos educativos, passando do nível do processo educativo em-si, ao nível do processo educativo para-si. Embora a necessidade da socialização e apropriação do saber tenha sido produzida pelo capitalismo, a plena democratização desses saberes escolares não se pode efetivar inteiramente dentro desse sistema (DUARTE, 2012, p. 45).

Diante disso, o autor é enfático ao afirmar que, assim, “o desafio a ser enfrentado por qualquer concepção crítica da educação que se pretenda constituir numa pedagogia reside justamente em manter-se crítica e, ao mesmo tempo, desenvolver uma proposta afirmativa sobre a formação dos seres humanos hoje” (DUARTE, 2012, p. 49). Desse modo, Duarte compreende que a educação é “a formação do indivíduo enquanto um ser essencialmente social e histórico” (DUARTE, 2007, p. 15).

- **Concepção da função social da escola**

Gonçalves *apud* Saviani (2013, p.59) compreende que o papel da escola é de “ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações, cuja ação e participação permita a continuidade e a sobrevivência da cultura e, em última instância, do próprio homem”. Nesse sentido, o objetivo da educação deve ser a promoção do ser humano. Para esse fim, Saviani (2013, p. 49) destaca os seguintes objetivos:

“Educação para subsistência: é preciso que o homem brasileiro aprenda a tirar da situação adversa os meios de sobreviver. [...] Educação para libertação: é preciso saber escolher e ampliar as possibilidades de opção. [...] Educação para a comunicação: é preciso que se adquiram os instrumentos aptos para a comunicação intersubjetiva. [...] Educação para a transformação” (SAVIANI, 2013, p. 49, grifos nossos).

Para assim atingir a educação transformadora e libertadora, é preciso conhecer adequadamente a realidade em que o educador e o educando estão inseridos. “Quanto mais adequado for o nosso conhecimento da realidade, tanto mais adequados serão os meios de que dispomos para agir sobre ela” (SAVIANI, 2013, p. 61).

A realidade da dominação hegemônica deve estar clara na compreensão dos educadores para que a escola, ainda que sendo um instrumento da hegemonia, possa contribuir como um instrumento de luta contra hegemônica.

Nesse sentido, Saviani compreende que a função principal da escola é:

“Fazer com que se passe da *classe em si* para a *classe para si*, ou seja, desenvolvimento da consciência de classe. A escola só poderá desenvolver um papel que contribua -veja bem, não que transforme, mas que contribua- para a transformação da sociedade na medida em que ela discuta as condições essenciais em que os indivíduos vivem”. (SAVIANI, 2013, p. 242).

A compreensão da função social da escola por Saviani está presente nos ensaios sobre as teorias da educação. Como discutimos anteriormente, o autor divide as teorias da educação em dois grandes grupos, a saber: 1) *teorias não críticas*; e 2) *teorias críticas*.

¹ “De acordo com estimativas relativas a 1970, “cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semianalfabetismo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina” (TADESCO, 1981, p.67). Isso sem levar em conta o contingente de crianças em idade escolar que sequer têm acesso a escola e que, portanto, já se encontram a priori marginalizadas a ela” (SAVIANI, 2021, p. 3).

Entre as *teorias não críticas* estão: a) a pedagogia tradicional, que concebe como marginalizado o indivíduo sem esclarecimento e entende como papel da educação difundir os conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados; b) a pedagogia nova, conhecida sob o nome de “escolanovismo”, que concebe o marginalizado como um sujeito rejeitado e de distinto desempenho cognitivo; a educação então deveria inculcar sobre esses indivíduos o sentimento de pertencimento e aceitação na sociedade²; e c) a pedagogia tecnicista, que compreende o marginalizado como o sujeito ineficiente e improdutivo, e a educação como instrumento de aumento da produtividade para equalização social.

Já, as *teorias críticas*, que se subdividem *crítico-reprodutivista* e *críticas*, diferentemente do primeiro grupo, não apresentam uma proposta pedagógica de superação da marginalidade pelo meio educacional exclusivamente, mas sim esforçam-se para explicar o mecanismo de funcionamento da escola no contexto das relações sociais historicamente constituídas.

A primeira teoria a compor o grupo das *crítico-reprodutivistas* é a *do sistema de ensino como violência simbólica*. Ao compreender o marginalizado como o indivíduo privado do capital econômico e do capital cultural, a educação então exerce a violência material e simbólica sob ele ao produzir e reproduzir dominação e legitimidade pelo desconhecimento arbitrário: “a classe dominante exerce um poder de tal modo absoluto que se torna inviável qualquer reação por parte da classe dominada. A luta de classes resulta, pois, impossível” (SAVIANI, 2021, p. 17).

A segunda teoria é *da escola como Aparelho Ideológico do Estado (AIE)*. Essa teoria concebe a existência de instituições materiais que tem como função materializar e efetivar ideologias e relações de produção hegemônicas. Ou seja, a ideologia materializa-se em aparelhos, denominamos Aparelhos Ideológicos do Estado. Nesse contexto, “a escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção do tipo capitalista” (SAVIANI, 2021, p. 19); por isso, é utilizado pela burguesia à fim de garantir a perpetuação de seus interesses.

Por fim, a terceira teoria a integrar as *crítico-reprodutivistas* é a *da escola dualista*. Essa teoria retoma o conceito visto anteriormente, da escola como Aparelho Ideológico do Estado, entretanto, admite também a existência da ideologia do proletariado. Essa teria sua origem fora da escola, entre os operários e suas organizações. Nesse contexto, o papel da educação não é somente de inculcar a ideologia burguesa, mas também causar o apagamento e a sujeição da ideologia proletária (SAVIANI, 2021, p. 22).

Assim, Saviani sintetiza a discussão de forma esclarecedora:

“Em relação a questão da marginalidade, ficamos com o seguinte resultado: enquanto as teorias não críticas pretendem ingenuamente resolver o problema da marginalidade por meio da escola sem jamais conseguir êxito, as teorias crítico-reprodutivistas explicam a razão do suposto fracasso. Segundo a concepção crítico-reprodutivista, o aparente fracasso é, na verdade, o êxito da escola; aquilo que se julga ser uma disfunção é, antes, a função própria da escola. Como efeito, sendo um instrumento de reprodução das relações de produção, a escola na sociedade capitalista necessariamente reproduz a dominação e exploração. Daí seu caráter segregador e marginalizador. Daí sua natureza seletiva”. (SAVIANI, 2021, p. 24).

Por fim, temos as *teorias críticas*, as quais assim como as *crítico-reprodutivistas* compreendem a educação e a escola como práticas sociais no âmbito da prática social global, porém diferencia estas por entender que a educação e a escola desempenham um papel importante no processo de transformação social mais amplo, como destacou Saviani (2013) em citação anterior, a escola pode a depender da perspectiva teórico educacional assumir uma postura, um posicionamento político que contribua com a transformação da sociedade.

Concepção de ensino e aprendizagem

Para que o processo de ensino aconteça e possibilite aos estudantes a aprendizagem, é fundamental que exista uma organização curricular dos conteúdos previstos. Saviani considera que o currículo deve compor-se através do controle das atividades programadas à fim atingir os objetivos planejados, com a definição de uma metodologia que contribua com esses objetivos, e com a avaliação contínua da proposta realizada, para que esse currículo seja ajustado e reprogramado conforme a necessidade dos estudantes. (SAVIANI, 2013, p. 81).

Entre os instrumentos utilizados pela escola para a implementação do currículo, encontram-se os livros didáticos: “o livro didático é um instrumento no qual a mensagem educativa está convenientemente arranjada de modo que seja adequadamente captada pelo receptor (educando)” (SAVIANI, 2013, p. 132). O uso desse instrumento não deve perder de vista o objetivo principal da educação, que é a promoção do homem, por isso, deve selecionar e ordenar os conteúdos de forma a atingir esse objetivo.

Sobre essa relação, Duarte compreende que ao educador, compete ensinar os conhecimentos em suas formas clássicas, determinando suas etapas essenciais e não essenciais. Na efetividade desse ensino, o aluno será capaz de

² Importante observar que a forma com que o escolanovismo compreende a questão da diversidade humana, das “diferenças”, é completamente distinta da forma que a pedagogia histórico-crítica compreende a diversidade humana.

identificar os traços essenciais do conhecimento, da atividade humana acumulada no produto da história (DUARTE, 2013, p. 44). Dessa forma, o aluno não irá reproduzir a sequência condensada pela qual teve acesso ao conhecimento, mas evidenciará a apropriação da lógica, do significado de determinado assunto. (DUARTE, 2013, p. 45).

“Para definir-se o que deve ser transmitido às novas gerações e quais as formas mais adequadas de se efetivar essa transmissão, é preciso analisar na história social o que se constituiu em efetiva humanização, isto é, em desenvolvimento da humanidade, e o que, nesse mesmo processo, nessa mesma dialética histórica, caracterizou-se como alienação”. (DUARTE, 2013, p. 67).

CONCLUSÕES:

Diante do estudo realizado, nota-se que a pedagogia histórico-crítica pode contribuir para a superação do capacitismo por meio de sua abordagem pedagógica crítica e reflexiva. Através da compreensão das estruturas sociais e das relações de poder estabelecidas no modelo socioeconômico da atualidade, a pedagogia histórico-crítica surge como uma teoria da educação emancipadora, que proporciona aos estudantes consciência crítica e possibilidade de transformação social.

Ao compreender o homem como sujeito historicamente situado, composto pela cultura, pela língua, tradições e crenças, com potencial para reagir perante as situações, Saviani contribui para o entendimento do Ser Humano como agente transformador, capaz de agir sobre a realidade em que está inserido. Diante do capacitismo, é possível ao Ser Humano agir sobre as formas de discriminação e preconceito enfrentados pelas pessoas com deficiência.

De igual modo, ao compreender a educação como um instrumento de luta no estabelecimento das relações hegemônicas e contra hegemônicas, é que a educação pode estar a serviço da luta anticapacitista. Promover por meio do ato educativo o acesso da classe trabalhadora em sua diversidade ao conhecimento científico, historicamente construído e produzido pelos Seres Humanos, contribuir para os avanços da formação de consciência dos indivíduos e em sua transformação.

Nessa relação, a escola desempenha um papel fundamental. Em seu ambiente é que as relações entre educador e educando são construídas, onde o ensino e a aprendizagem ocorrem de modo sistematizado, organizado, com atividades programadas a fim de atingir determinados objetivos. Entre os objetivos de uma escola crítica e anticapacitista, não pode estar de fora a promoção do Ser Humano em sua heterogeneidade e diversidade.

Dessa forma, a pedagogia histórico-crítica pode contribuir para a superação do capacitismo ao promover uma educação crítica, inclusiva e emancipadora, caminhando numa direção contra hegemônica, reconhecendo os indivíduos como sujeitos de direitos, como seres históricos, capazes de participarem plenamente da vida social, cultural e educacional.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPBELL, Fiona Kumari. “Inciting Legal Fictions: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of the Law.” *GriffithLaw Review* 10, 2001: 42-62
- DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola do Vygotsky**. 4a edição revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- DUARTE, Newton. **A individualidade para si**: contribuição para uma teoria histórico- social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.
- DUARTE, Newton. **Vygotsky e o aprender a aprender**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 5. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- MARTINS, Ligia Marcia. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130-143, jan. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9705>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: Primeiras Aproximações. 44. Ed. Ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 44. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 19. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- SILVA, Régis Henrique dos Reis. Contribuições da pedagogia histórico-crítica para a educação especial brasileira. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, SP, v.14, n.58, p.78-89, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640380>. Acesso em: 9 out. 2021.